
Entrevista Concedida por Rosemary Dore Heijmans – Do “pulo da rã” ao enfrentamento da evasão escolar

Interview with Rosemary Dore Heijmans – From the “pulo da rã” to facing school dropout

Entrevista de Rosemary Dore Heijmans - Del "salto de la rana" al enfrentamiento la evasión escolar

Guimarães, Sandra Lopes¹ (Florianópolis, Santa Catarina, Brasil)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-7094-7350>

Teles, Rogério Mesquita² (São Luís, Maranhão, Brasil)

ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-9789-1847>

Resumo

Este artigo resultou da entrevista concedida pela professora e pesquisadora *Rosemary Dore Heijmans, em Cabedelo, no estado da Paraíba. A interlocução foi planejada e realizada com a intencionalidade de compor o registro histórico da Associação Brasileira de Prevenção da Evasão na Educação Básica, Profissional e Superior (ABAPEVE); preparação de conteúdo temático para o VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar e para o V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar que serão sediados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) em novembro de 2022; bem como propiciar reflexões e debates a partir dos depoimentos da pesquisadora, que é referência no que tange à evasão escolar na educação profissional e tecnológica. A entrevista, organizada de forma semiestruturada permitiu uma aproximação outra com a professora e pesquisadora *Rosemary Dore, partindo de sua participação no movimento estudantil secundarista em plena ditadura militar, sua experiência familiar com relação à situação da indústria regional frente ao protecionismo, proporcionado as indústrias multinacionais estrangeiras; a vivência como estudante na escola religiosa particular, seguida da sua inserção no ensino público; a relação da pesquisa de orientação gramsciana sobre o ensino técnico e profissionalizante com a evasão escolar; bem como o trabalho de articulação e criação da ABAPEVE. O diálogo que resultou nesta escrita é parcial. Foi realizado um recorte sem a pretensão de apresentar a totalidade do sujeito em destaque.**

Palavras-chave: Evasão escolar. Educação profissional e tecnológica. Formação de técnicos.

Abstract

This paper results from an interview with professor Rosemary Dore Heijmans, in Cabedelo, Paraíba, Brazil, as part of the Brazilian Association for the Prevention of School Dropout in Basic, Professional and Higher Education's history log; it also helped to create content for the VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar (International Colloquium on Professional Education and School Dropout) and the V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar (Workshop on Professional Education and School Dropout), which will be hosted by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Santa Catarina (IFSC) in November 2022. This interview also aims to reflect on and discuss school dropout in professional and technical education from Rosemary Dore's point of view, considering her participation in the student movement during the military rule, her experience with the regional industry in face of the foreign multinational corporations' protectionism, her student years coming from a private religious school to the public education system, her Gramsci-oriented research on the relationship between professional and technical education and dropout rates, and her work articulating and creating the ABAPEVE. The interview that led to this paper was not unbiased and does not intend to present the subject in its whole.

Keywords: School dropout. Professional and technical education. Technician education.

¹ Diretoria de Estatísticas e Informações Acadêmicas, Pró-Reitoria de Ensino, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). sandrag@ifsc.edu.br

² Departamento Acadêmico de Química, Campus São Luís – Monte Castelo, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). rogerioteles@ifma.edu.br

Resumen

Este artículo es el resultado de una entrevista concedida por la profesora e investigadora Rosemary Dore Heijmans, en Cabedelo, estado de Paraíba. El diálogo fue planeado y realizado con la intención de componer el registro histórico de la Asociación Brasileña para la Prevención de la Evasión en la Educación Básica, Profesional y Superior (ABAPEVE); preparación de contenidos temáticos para el VII Coloquio Internacional de Educación Profesional y Evasión Escolar y para el V Taller de Educación Profesional y Evasión Escolar que serán auspiciados por el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Santa Catarina (IFSC) en noviembre de 2022; así como brindar reflexiones y debates a partir de los testimonios de la investigadora que es una referencia sobre la evasión escolar en la formación profesional y tecnológica. La entrevista semiestructurada permitió un acercamiento con la profesora e investigadora Rosemary Dore, a partir de su participación en el movimiento estudiantil de secundaria durante la dictadura militar, su experiencia familiar sobre la situación de la industria regional frente al proteccionismo brindado a las industrias multinacionales extranjeras; la experiencia como estudiante en una escuela religiosa privada seguida de su inserción en la educación pública; la relación entre la investigación de orientación gramsciana sobre educación técnica y profesional y el abandono escolar; así como el trabajo de articulación y creación de ABAPEVE. El diálogo que resultó en este escrito es parcial. Siendo un recorte histórico, no pretende presentar la totalidad del tema destacado.

Palavras-Clave: Evasión escolar. Educación profesional y tecnológica. Formación de técnicos.

Introdução

A reestruturação em curso da Associação Brasileira de Prevenção da Evasão na Educação Básica, Profissional e Superior (ABAPEVE) no período de 2019 a 2021, o planejamento e organização do VII Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar e para o V Workshop de Educação Profissional e Evasão Escolar que serão sediados pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), prevista para novembro de 2022, bem como a necessidade de elaboração de registro memorial relacionado à produção acadêmica da professora e pesquisadora Rosemary Dore Heijmans, que também é a idealizadora da ABAPEVE, constituíram as premissas de um momento histórico oportuno para realizar esta entrevista.

No Currículo Lattes³ do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CAPES), é possível localizar a produção acadêmica da professora Rosemary Dore; contudo, a descrição do portal e os trabalhos listados não dão conta da singularidade e da relevância das suas contribuições para o estudo da temática da

³ Rosemary Dore Heijmans, conhecida academicamente como Rosemary Dore, é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da UFMG. Concluiu o doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), em 1992, defendendo a tese "A concepção gramsciana do Estado e o debate sobre a escola". A tese de mestrado foi defendida na Faculdade de Educação da UFMG (1982), com o título "Formação de técnicos de nível superior no Brasil: do engenheiro de operação ao tecnólogo". Realizou três programas de pós-doutorado na Europa: o primeiro no Istituto di Scienze Filosofiche e Pedagogiche da Universidade de Urbino, na Itália, entre 2000 e 2001, com a colaboração do professor Domenico Losurdo; o segundo, na Universidade Ca' Foscari de Veneza (Itália), entre 2005 e 2006, no âmbito de um acordo de colaboração internacional com a UFMG; o terceiro, na Universidade do Minho, em Portugal, entre 2017 e 2018. Atualmente, é líder dos grupos de pesquisa da Rede Ibero-Americana de Estudos sobre Educação Profissional e Evasão Escolar (RIMEPES) e Sétima Arte de Cinema e Educação, que integram o Diretório dos Grupos de Pesquisa no Brasil (CNPq). Também realiza, no campo filosófico, estudos sobre o aporte teórico do socialista italiano Antônio Gramsci para a educação. Orienta teses de doutorado, dissertações de mestrado e iniciação científica. O currículo da professora está disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1854870188000631> e foi acessado em 08 dez. 2021.

evasão escolar e da educação profissional e tecnológica, principalmente para os Institutos Federais. A possibilidade de realizar uma entrevista se apresentou como uma oportunidade de conhecer um pouco da trajetória da Rosemary Dore e constituir um material documental de registro de recordações, mesmo que restrito à condição de um artigo e, posteriormente, de um vídeo.

A psicanalista e pesquisadora Piera Spairani Aulagnier (1989) nos sinaliza uma questão muito pertinente para pensarmos na relação do conteúdo de uma obra e a trajetória de seu autor, quando escreve que:

Quanto mais o tempo passa, mais penso que embora acreditamos, de boa fé, que as questões que sucessivamente privilegiamos em nosso itinerário teórico dependam da importância adquirida por determinado fenômeno clínico, determinada leitura nova, na verdade apenas retomamos, sob outras formas, o que eu chamaria as 'questões fundamentais' próprias a cada sujeito⁴. (AULAGNIER, 1989, p. 11).

Nesta perspectiva, o diálogo com a professora Rosemary Dore abordou para além dos seus posicionamentos quanto à evasão escolar e educação profissional e tecnológica, as questões pertinentes às suas escolhas, seus caminhos teóricos, sua posição enquanto mulher, mãe e pesquisadora frente às tramas sociais, políticas, culturais, e históricas de seu tempo. Com relação aos seus interesses, quanto a estudo e pesquisa, ela já havia elencado, em 2015, no seu Memorial ⁵ os seguintes temas como marca em sua trajetória intelectual e acadêmica: "Organização do trabalho na sociedade capitalista", "Formação de técnicos", "Indústria", "Lugar da educação profissional no conjunto da organização escolar" e "Transformação da sociedade".

Acreditamos que a realização de uma entrevista nunca é uma tarefa simples, seja ela proposta e destinada aos mais distintos interesses. No caso, como o nosso, em que a entrevistada é uma professora e pesquisadora de referência na área relacionada aos estudos da evasão escolar, com quem os pesquisadores-entrevistadores já mantinham uma interlocução anterior com a obra e com a pessoa Rosemary Dore, a estruturação de um diálogo se torna mais fluido e, ao mesmo tempo, desafiador. Desafio que se apresenta pela necessidade mesma de manter o

⁴ O uso do termo sujeito é nosso, em substituição ao termo "analista" utilizado pela autora.

⁵ Memorial apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para progressão funcional da Professora Titular do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação.

sentido da proposta inicial e não se perder pelos caminhos das afinidades costuradas pela vida.

A entrevista ocorreu no dia 02 de dezembro de 2021, na residência da entrevistada, na praia de Intermarés, no município de Cabedelo, na Paraíba, em uma tarde ensolarada e quente. Fomos recebidos em uma ampla e arejada sala com janelas que emolduravam um idílico mar azul anil sob um céu límpido. E, pode-se dizer, que a beleza de fora metaforiza a beleza deste (re)encontro, deste estar junto. Fruição de sentimentos de animação, expectativas, reconhecimento, e muito respeito. Foram muitos os sorrisos, por vezes gargalhadas, palavras embargadas, frases vigorosas, olhos animados e olhos marejados. Miradas sobre a vida, alinhavados pelo tema da evasão e, como diria Rosa Luxemburgo (2003, p. 242), sentindo “um olho que ri, um olho que chora”. Foram mais de 10 horas de conversa, mas somente duas horas filmadas/gravadas. A intenção da ABAPEVE e do IFSC é que o material filmado possa compor um curto documentário sobre a pesquisadora a ser lançado no evento já mencionado, programado para novembro de 2022.

Método

A entrevista semiestruturada foi organizada na perspectiva de fazer uma breve revisão dos acontecimentos constituintes da pesquisadora, suas escolhas teóricas e seu ativismo de enfrentamento à evasão escolar, buscando sinalizar as “questões fundamentais” que singularizam seu fazer e sua obra.

Foram elaboradas algumas perguntas, previamente apresentadas para a avaliação e aprovação de Rosemary Dore, que prontamente, ou melhor dizendo, alegremente, aceitou a proposta. Foram questões ordenadas enquanto roteiro para um diálogo, dando sentido às três dimensões da entrevista: o contexto da pesquisadora; o tema da educação profissional e tecnológica e a evasão escolar; e a passagem do debate/produção acadêmico da evasão escolar para a proposta de atuação/enfrentamento dos processos excludentes educacionais - constituição da Associação Brasileira de Prevenção da Evasão na Educação Básica, Profissional e Superior (ABAPEVE) e da Rede Ibero-Americana de Estudos sobre Educação Profissional e Evasão Escolar (RIMEPES).

Resultados

Cabe destacar que as perguntas elaboradas, na perspectiva de pontos orientadores para a conversa, acabaram por não ser respondidas de forma direta, pontual e “recortada” uma a uma. Realizamos uma longa conversa prévia, apresentando as questões para a professora Rosemary Dore, e nossa hipótese é que este exercício produziu efeitos no momento da entrevista propriamente dita. O que presenciamos, a partir da primeira indagação, foi uma fala contínua, calma, como quem vai urdindo memórias para interlocutores atentos. Em tom de depoimento, e por vezes, utilizando uma postura um tanto professoral, sua narrativa atravessou temas pessoas, políticos, acadêmicos e sociais com muita disposição e alegria.

A entrevista foi concedida presencialmente, mas ainda estávamos em um período de distanciamento social, em função da pandemia da covid-19, e a professora Rosemary Dore e seu marido tinham se mantido em isolamento social, vacinados, contudo muito resguardados. Esse dado tem relevância, pois caracterizou, também, em parte, a alegria do casal em ter contato próximo com outras pessoas. Também é relevante destacar o receio inicial da professora em não conseguir lembrar de nomes ou fatos (característica que se constituiu como efeito do isolamento social para muitas pessoas), a ansiedade frente à experiência de realizar esta atividade em condições e contexto tão adversos, e o sentimento de gratidão frente a novas ações da ABAPEVE.

Tendo em vista que as perguntas elaboradas não foram respondidas uma de cada vez, e o que foi registrado na gravação e nas anotações da longa conversa compõem uma totalidade, optamos por elencar e apresentar aqui as perguntas alinhadas com as respectivas respostas. Dito isso, relatamos a seguir os registros deste encontro:

- Pergunta: Professora Rose, como você se descreveria hoje como pesquisadora, para além de mulher, mãe, esposa, intelectual de esquerda...Como estas posições se relacionam no seu trabalho?
- Pergunta: Sua formação básica e de graduação ocorreram durante o período da ditadura militar, em um estado da região nordeste do Brasil. Quais os efeitos deste contexto em sua formação?
- Pergunta: Na perspectiva de que a trajetória de todo pesquisador, ou de todo estudioso, está organizada (ou atravessada) por um tema fundamental, e olhando

agora para sua graduação em Pedagogia (1971 - 1974/Universidade Federal da Paraíba), a senhora percebe alguma relação com a temática da evasão escolar?

A professora relatou que era filha mais velha de uma família de oito (08) irmãos, e seu pai era um pequeno empresário de fabricação de bebida regional, o Guaraná DORE⁶, empresa criada por seu avô. Aquela condição lhe possibilitou observar, desde muito cedo, a interferência do capital estrangeiro, o protecionismo governamental ao investimento estrangeiro em detrimento da indústria nacional e regional (local). Este fator a sensibilizou muito e, posteriormente, influenciou seu pensamento crítico e político. Alinhado a isso, destacou sua saída da escola particular religiosa (percurso de toda sua educação básica) e seu ingresso no curso ginásial (atual Ensino Médio) no Liceu Paraibano (instituição pública e laica), no período do início da ditadura brasileira. Esse momento marca sua entrada no movimento estudantil, com participação em reuniões e manifestações políticas, inclusive utilizando sua residência como local de encontro e acolhida de amigos que estavam precisando de refúgio e, ainda, para a reprodução de material escrito (reproduzido em mimeógrafo).

No Liceu, ela teve a oportunidade de conviver com vários colegas homens e mulheres que faziam a crítica ao sistema capitalista monopolista; tais questões ancoraram repercutiram naquilo que ela tinha vivido com a própria família. As dificuldades financeiras vivenciadas na infância, a constância do discurso do pai em relação aos subsídios governamentais para com as empresas estrangeiras, em detrimento do apoio às empresas locais/regionais, encontraram espaço na escola pública e “afloraram” sua crítica tanto em relação ao capitalismo monopolista, quanto ao favorecimento de certos interesses em detrimento das minorias. Ela qualificou esse momento de sua vida no Liceu como um dos mais importantes em sua trajetória acadêmica.

Dore destacou que se casou muito cedo, aos 16 anos de idade, em 1967. Naquela época, eles moravam em uma casa pequena, localizada nos fundos da casa dos sogros. Para os companheiros de movimento estudantil, este lugar foi denominado de o “Pulo da Rã”. Em um quartinho, nessa casa, eram reproduzidos manifestos contra o imperialismo e o capitalismo e, posteriormente, distribuídos nos movimentos grevistas e nas passeatas estudantis, ações que foram duramente

⁶ Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Dore>. Acessado em 10/12/21.

massacradas pelo AI-5⁷ (1968). Consta que ela e o marido participavam ativamente dessas manifestações. Dore indica que, com o AI-5, a repressão aumentou, impactando seriamente, “com muito mais vigor”, a vida cotidiana das pessoas em João Pessoa. Para ela, sua terra natal sofreu uma repressão muito séria, talvez mais que em outros estados, afetando as instituições de ensino, e mesmo as universidades, e a vida pessoal dos estudantes. Foi um período em que ela e o marido vivenciaram os colegas “tombando” um a um, sendo interrogado pelo DOPS⁸ - ela relembra que foram momentos muito difíceis.

Grávida de três meses, ela e o marido foram impedidos pelos sogros de voltarem para casa, depois de participarem de uma manifestação no Centro da cidade, e também não foram auxiliados pelos pais dela, pois as famílias entendiam que eles eram comunistas. Foram meses peregrinando entre as casas de amigos do movimento até que, com a proximidade do nascimento do filho, seu marido voltou a trabalhar com o pai, e eles retornaram a morar em casa.

Com a finalização do Ensino Médio, ela seguiu para o curso universitário de Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba, com a perspectiva de trabalhar com orientação profissional. Tal decisão foi tomada a partir da impossibilidade de cursar Medicina, pois seu sonho era ser psiquiatra, e também pela ausência da oferta de curso de Psicologia em João Pessoa. Durante o curso de Pedagogia, trabalhou como bolsista de monitoria, o que possibilitou iniciar os estudos sobre o movimento de reforma da educação do início do século XX, tema que veio a se constituir, mais tarde, em um dos eixos de suas pesquisas sobre a organização dualista da escola. Mas, para além desta iniciação a esses aportes teóricos, sua dedicação aos estudos lhe proporcionou contato com professores críticos e incentivadores de sua carreira acadêmica.

No último ano de Pedagogia, aos 22 anos, e com a segunda filha de apenas cinco meses, a vida lhe apresentou um grande revés: seu marido, em uma viagem de trabalho, sofreu um acidente aéreo e faleceu. Naquela condição de jovem viúva, encarregada da criação de dois filhos, apresentou-se a questão de como (re)construir sua vida de forma autônoma e independente, capaz de educar os filhos de acordo com sua concepção de mundo. Decidiu, então, com o apoio de seus professores,

⁷ Ato Institucional Número 5, emitido pelo presidente Artur da Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968.

⁸ Departamento de Ordem Política e Social (DOPS)

seguir estudando e fazer o mestrado no programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte. Conseguiu uma pequena bolsa de ajuda de custo da Fundação Ford e, na condição de estudante bolsista, deixou temporariamente seus filhos aos cuidados dos sogros, em João Pessoa.

Ao iniciar o curso de mestrado na UFMG, identificou os contrastes do movimento estudantil e da vida acadêmica, que pareciam tão distintos do que vivenciou na Paraíba. Notou uma diferença enorme entre a participação dos estudantes no mundo da política, no mundo da militância com relação a João Pessoa. Na capital mineira, os estudantes estavam muito retraídos, mostravam-se dominados pela própria repressão que acontecia na sociedade. Dore contou que a vida em Belo Horizonte, apesar do distanciamento dos filhos, proporcionou-lhe uma aproximação maior com o questionamento político, durante o tempo em que cursou o Mestrado em Ciências Sociais e Educação (Ciências Sociais Aplicadas à Educação – 1975).

- Pergunta: Quando e como a Rosemary Dore, pesquisadora, inquieta-se com a temática da Evasão Escolar? Existe uma data ou situação de referência?

- Pergunta: Pensando nos autores de referência, qual a influência da obra de Antonio Gramsci (1891-1937) na sua produção acadêmica?

Dore comenta a respeito de que sua escolha pela graduação em Pedagogia e de seu interesse em fazer o curso de Orientação Profissional naquela época, poder ser compreendido como uma relação com o Ensino Técnico. Ou seja, essas questões relacionadas à formação de técnicos, desigualdade social e indústria capitalista ainda não se apresentavam de forma tão integrada e/ou evidenciada quando ela iniciou o curso de Orientação Educacional. Tal relação foi se desdobrando e ficando mais perceptível à medida que ela foi seguindo outras opções de estudo. No mestrado e, depois, no doutorado, a ligação de Dore com as questões da formação profissional, e os problemas com o ensino técnico ficou potencializada. Isso decorreu em função de sua percepção a um apelo significativo que é feito na sociedade sobre a falta de trabalhadores qualificados, comumente chamados de “mão de obra”. Dore relatou seu incômodo ao termo utilizado, indicando que sempre questionou e rebateu tal expressão, por defender que o trabalhador não pode ser reduzido à “mão de obra”. Em seu ponto de vista, expôs que os vocábulos mais próximos da representação dessa realidade do trabalhador seriam “qualificado” ou “não qualificado”, e que o discurso governamental sempre se apresentou com a tônica de falta de trabalhadores

qualificados tecnicamente, posição que se fortaleceu principalmente depois da ditadura militar. Foi nesse contexto que “amadureceu” a questão da formação profissional.

Para entender a articulação que Dore fez entre o ensino profissional e tecnológico e a evasão escolar, foi necessário situar melhor sua trajetória acadêmica. No mestrado, o tema de sua tese (na época tinha essa nomenclatura) abordou os cursos de formação de tecnólogos como modalidade da formação de técnicos de nível superior no Brasil. A professora comentou, a título de curiosidade, e também com uma certa ironia, que teve tempo no mestrado para desenvolver sua pesquisa de forma consistente e que, naquela época, os estudantes não eram “expulsos” do programa por ultrapassarem o tempo de dois anos da integralização do curso. E esse tempo fez toda a diferença em sua pesquisa.

O seu tema de estudo foi a formação do técnico de nível superior, que tinha sido lançado com o Projeto 19⁹, em 1975, e que propunha cursos de formação de tecnólogo com duração reduzida de dois anos, sem continuidade de estudos, pois eram cursos terminais. Configurou-se, então, uma pesquisa exaustiva, nas palavras de Dore, principalmente referenciada pelo texto do professor Edson Machado sobre o Projeto 19. Sua intenção era entender porque esses cursos foram criados e extintos das universidades federais, então, sua pesquisa apontou para a interpretação de que havia um interesse inicial em estimular a criação dos referidos cursos nas universidades federais, em contraposição às universidades particulares, que não ofertavam tais cursos justamente por não atenderem ao seu público alvo. À medida que esses cursos eram criados nas universidades federais, possibilitou-se a aparência de que eram viáveis, mesmo que, no contexto da instituição, a oferta estivesse em desacordo. Posteriormente, todos esses cursos foram extintos das universidades federais, ao mesmo tempo em que foram fortalecidas suas ofertas nas Escolas Técnicas (atuais Institutos Federais) em paralelo às universidades. Aquelas ofertas paralelas às universidades marcaram a questão da desigualdade social, que está na raiz da dualidade e que apresenta-se, na existência de um bloco técnico e tecnológico,

⁹ O Projeto nº 19 do Plano Setorial de Educação e Cultura, para o período de 1972/1974, previa incentivo especial para os cursos de nível superior de curta duração, no contexto e no espírito da reforma universitária e dos acordos do MEC/USAID/BIRD. O objetivo, na prática, era o de responder aos anseios de parcela significativa da juventude brasileira na busca de ajustar-se às novas exigências decorrentes do desenvolvimento científico e tecnológico do país, no decorrer do século vinte, tanto com a formação de profissionais técnicos de nível médio (então segundo grau), quanto com a formação de tecnólogos, em cursos superiores de menor duração e carga horária mais reduzida. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/cp29.pdf>. Acessado em 08 dez. 2021.

e um bloco acadêmico. Esta existência de dois blocos é uma característica mundial imposta pelo capitalismo. Na sua pesquisa, a professora interpretou essa oferta de cursos de tecnólogos nas universidades, como sendo um momento passageiro para legitimar a ideia do governo quanto à criação desses cursos, posteriormente, nas escolas técnicas. A partir dessa premissa, apontou que a oferta dos cursos de tecnólogos, mesmo fazendo parte de uma política educacional, tinham características bastante antidemocráticas, uma vez que não permitiam a continuidade de estudos. Assim estas características restritivas acabavam por reproduzir a dualidade educacional, também, no nível superior. Tal política educacional tentava minimizar os efeitos da demanda de candidatos que buscavam por vagas em cursos superiores naquele período. O estudo e entendimento da reprodução da dualidade educacional no ensino superior teve como seu autor de referência Antônio Gramsci, em que pese que a dualidade é a expressão da desigualdade social, sendo uma dualidade política. Dore destacou que o trabalho de Gramsci aponta para uma dualidade política, muito mais refinada que a dualidade estrutural. Portanto, constata-se que há a necessidade de políticas públicas de educação voltadas para o entendimento dessa desigualdade no campo político, e não somente no campo econômico.

Com relação ao doutorado, explicou que pôde estudar, de forma mais elaborada os conceitos gramscinianos. Mas, foi no segundo pós-doutorado (2006) que teve a oportunidade de participar de uma reunião muito interessante na Noruega, onde, pela primeira vez, encontrou um grupo de professores pesquisadores interessados no tema da evasão escolar na Escola Técnica de nível médio.

Até aquele momento, Dore relatou desconhecer o problema da evasão na Escola Técnica de nível médio (EPTNM), e pontuou que a referência difundida no Brasil eram os trabalhos de Cláudio de Moura Castro. Assim, quando ela retornou ao Brasil, iniciou o primeiro projeto para estudar a evasão escolar em cursos técnicos de nível médio. Concomitantemente, acontecia o período de expansão dos Institutos Federais, com a ampliação da possibilidade de vagas (ampliação do acesso) do Ensino Médio técnico, acompanhada da "eclosão" do problema da evasão escolar nessa modalidade de ensino. Mas, os estudos de Dore vão apontar que este aumento da evasão tinha razões distintas das apresentadas por Cláudio de Moura Castro, trazendo à tona questões que estavam submersas em função da seletividade que existia nas Escolas Técnicas Federais. A nova realidade mostrava que, com a

democratização do acesso aos cursos técnicos de nível médio, a evasão aumentava e se faziam necessárias pesquisas para entender os fatores constituintes desse fenômeno. Nesse contexto, o grupo de pesquisa criado por ela, para atender a essa demanda, foi pioneiro nos estudos de evasão no Brasil.

-Pergunta: Na sua pesquisa, evidencia-se o cuidado com os dados, variáveis, indicadores, mas sempre na perspectiva do contexto, ou seja, da complexidade mesma da temática do processo de evasão escolar e do uso cuidadoso de ferramentas conceituais. Assim, qual o autor, ou os autores, que você considera de referência para quem está iniciando os estudos nesta área?

-Pergunta: Têm se ampliado, na última década, as pesquisas realizadas sobre a evasão escolar. Como você observa esse movimento?

Em meio a uma quantidade enorme de autores que trabalham o problema da evasão escolar, Dore destacou que, no início de sua pesquisa, quem muito contribuiu foi o professor Russell Rumberger¹⁰, uma vez que ele subsidiou as primeiras formas de abordar o problema. Nos encontros e diálogos presenciais que teve com Rumberger, em Melbourne, na Austrália, em Londres, na Inglaterra, e, por último, em 2018, em Antuérpia, na Bélgica, ela teve oportunidade de questioná-lo sobre a limitação dos fatores propostos por ele para o estudo da evasão (internos, externos e pessoais), uma vez que os mesmos se confundem, e estão interrelacionados. A resposta que a professora teve foi de concordância aos seus posicionamentos. Atualmente, Dore se dedica ao estudo da desigualdade social e a evasão escolar com aportes de uma linha francesa pouco desenvolvida¹¹, pois são poucos os pesquisadores que estudam a evasão a partir das desigualdades sociais.

A professora alude que o problema da evasão não se explica como uma causa que gera um efeito, pois são vários fatores que vão se fortalecendo até levar a uma escolha, que na verdade não é bem uma escolha isolada ou pessoal. Quem sai da escola faz uma escolha, mas não é uma opção que acontece ao acaso; ela é resultado de um movimento, do processo de um conjunto de fatores que contribuem para que o sujeito resolva abandonar os estudos. Então, não se pode tratar o problema da evasão como “causa e efeito”, mas sim como um processo que culmina com a evasão da escola. Como exemplo, comentou os estudos do professor

¹⁰ Artigo de referência: Vinte e cinco anos de estudo sobre evasão escolar, escrito por Rumberger.

¹¹ A entrevistada não lembrou, não informou os nomes de pesquisadores desta linha.

Matthew LaPlante, para quem a evasão escolar é um processo que pode iniciar antes mesmo dos cinco anos de idade, ou muito antes da entrada na escola, e culmina em um dado momento da trajetória escolar.

-Pergunta: Como surgiu a necessidade da criação da Associação Brasileira de Prevenção da Evasão na Educação Básica, Profissional e Superior (Abapeve)? E como ela está hoje?

Dore salientou que, nos Estados Unidos, os estudos sobre evasão escolar estão mais adiantados, e que essa condição impacta na quantidade de associações não governamentais que tratam do tema. No Brasil, entretanto, nós só temos uma Associação, que é a “nossa” ABAPEVE. Ela relatou que foram várias as dificuldades para estruturar a ABAPEVE; contudo, tais dificuldades não a esmoreceram, ao contrário, as dificuldades a fortaleceram. A professora descreveu a Associação como uma entidade da sociedade civil, não governamental, sendo uma organização de cidadãos da sociedade civil. Destacou que essa característica é muito importante para garantir a autonomia na tomada de decisões em relação às diretivas que são apresentadas para políticas que resultem no abrandamento da evasão escolar. Isso porque o problema da evasão não pode ser resolvido de modo abrupto; é conveniente começar a atuar para que este problema seja reduzido, a partir do interesse em desenvolver políticas públicas que evitem o abandono da escola.

Para Dore, uma das dimensões fortíssimas da “nossa” Associação, a ABAPEVE, é a de encorajar os profissionais da Educação a questionarem as diretivas políticas, principalmente neste momento em que vivemos. Questionar é importante, mas o questionamento não nasce do nada; ele nasce de seu próprio estudo, do seu próprio aprimoramento intelectual no sentido de colocar em “cheque” situações que são tidas como certas, como as únicas que devem ser feitas. “Por exemplo, para fazer um diagnóstico, eu tenho que conhecer o problema, eu tenho que estudar teorias, tenho que estudar outras experiências, e não se reduzir ao Brasil.” - declarou a professora.

Para Dore, o enfrentamento do problema da evasão requer coragem para enfrentar as políticas, requer estudo, investigação, exame e análise das experiências mundiais no tocante ao assunto, apropriação de experiências e conceitos elaborados para enfrentar o problema, e a independência frente às diretrizes do governo. Ela apontou que reunir todos estes atributos em uma comunidade de docentes não é fácil.

Nesse sentido, a ABAPEVE se apresenta tendo por objetivo criar condições para essa independência intelectual, bem como agir politicamente para mudar o quadro da evasão hoje existente na sociedade brasileira.

-Pergunta: O que você pode nos dizer sobre a atual diferenciação conceitual, utilizada por muitos pesquisadores, entre evasão e abandono escolar? Faz-se necessária essa distinção? Ou corremos o risco de um preciosismo acadêmico que se perde no debate e não dá conta do sujeito excluído?

Dore, a partir de suas pesquisas, concluiu que não há diferenciação entre os termos “evasão” e “abandono escolar”, pois os dois possuem o mesmo significado: sair da escola, deixar a escola sem concluir o curso. Ela comentou que alguns órgãos de pesquisa e estudiosos da área fazem a distinção, até por questões estatísticas, mas não observa essa necessidade. Assim, a saída prematura da escola sem concluir o curso é um abandono, é uma evasão, é uma ruptura, é a não continuidade de estudos. A questão maior a ser colocada é: como fazer com que esse estudante não saia da escola, ou seja, como agir no sentido de evitar que a evasão aconteça. Dore garantiu que todos os estudos internacionais são consensuais quando afirmam que a melhor ação é a prevenção da evasão, pois, depois que a evasão acontece, o desafio está em trazer o estudante de volta para a escola. E esse, sim, é um problema sério! Também, depois que ocorre a evasão, é muito difícil fazer o estudante falar sobre sua saída, e ter o entendimento sobre os reais motivos de sua saída. Outra questão abordada pela professora é que, muitas vezes, sua explicação para a saída está atravessada por outros problemas que ele não tem condições de perceber. Arelado ao motivo da saída, também é possível perceber a culpabilização do estudante, que toma para si essa responsabilidade, como se fosse uma falha dele não ter concluído os estudos.

Com relação aos planos estratégicos institucionais de permanência e êxito, atualmente, em fase de execução, ajustes, ou mesmo atualização, no IFSC e em outros IFs, a professora ressaltou que, ao falar da coragem de enfrentar as políticas governamentais, a resposta já está dada com relação à atitude que se deve ter frente a este tipo de plano.

-Pergunta: Há um movimento, nas instituições de ensino, no MEC e nas pesquisas acadêmicas, de tratar as ações/projetos relacionados à prevenção da evasão escolar

na perspectiva da permanência e do êxito. Na sua opinião, qual o risco deste “manejo” conceitual?

-Pergunta: E, para finalizar, os Institutos Federais foram mobilizados pela SETEC à criação de planos estratégicos institucionais de permanência e êxito. Como você avalia essa iniciativa?

Dore explicou que houve um movimento no Ministério da Educação e Cultura (MEC), por meio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC), que, em uma reunião, apresentou mais de cem (100) estratégias para evitar a evasão. Para ela, essa abordagem inviabiliza o trabalho dos professores. Na maioria dos outros países, trabalha-se com, no máximo 15, estratégias que incluem várias ações.

Outra questão preocupante, de acordo com a professora, é a falta da autonomia dos servidores no momento de escolha do seu tema de pesquisa, em função das diretivas da SETEC/MEC. Ela defendeu que, apesar de a SETEC dar as diretivas, cabe ao docente questionar essas intencionalidades. Aqui se situa o papel da ABAPEVE, o de fazer essa crítica às metodologias apresentadas pelo governo. “Por exemplo, a ideia de permanência e êxito é justamente excluir a evasão. E assim, como fica a evasão? Quem vai estudar a evasão? O que a escola vai fazer com quem não permanece? Quais são as políticas para evitar a evasão? Quais as políticas para manter o estudante na escola?”, questionou Dore, a qual entende que essa política de permanência e êxito oculta o problema da evasão. Quando se estuda evasão, é importante ter a perspectiva de estudos para além do Brasil, dialogar com pesquisadores do mundo todo. É necessário não ficar circunscrito à situação no Brasil. A ideia de estudar permanência e êxito é uma invenção daqui, do Brasil. E de forma muito perspicaz, a professora salientou que o estudo na perspectiva da permanência e êxito abandona o estudo da evasão. “E, então, o que será feito com o problema da evasão? Como se desenvolvem estratégias para tratar da evasão?” - refletiu novamente a professora. Na opinião de Dore, o trabalho com esses dois termos, “permanência” e “êxito”, contribui para excluir o tratamento mais sério e cuidadoso com o problema da evasão.

Durante a entrevista, ela enfatizou a relevância da atitude crítica frente aos projetos governamentais, e que é preciso trabalhar com coragem. Romper com as políticas governamentais e tentar introduzir outras vias de estudo, bem como outra

forma de análise, não é fácil. Para tanto, a professora orientou que, primeiramente é preciso desenvolver sua própria concepção e, com seus próprios estudos, desenvolver outras formas de enxergar o problema, outras metodologias para “atacar” o problema, outras estratégias; a partir daí, entrar em confronto com o governo mostrando-se capaz de indicar outros caminhos. E, isso realmente não é pouca coisa! Isso significa conflito, significa ruptura que muita gente tem medo. Assim, uma comunidade torna-se forte se estiver disposta a enfrentar riscos, caso contrário, ela não vai enfrentar as diretivas do governo.

Também para Dore se faz crucial dominar outros idiomas, principalmente o inglês, uma vez que é o idioma de produção de muitos estudos socializados na área da evasão escolar. Nesse sentido, ela relatou que é preciso ler trabalhos produzidos em outras línguas para entender como outras sociedades enfrentam o problema, e qual o conhecimento que acumularam sobre o tema. Essa ação, segundo ela, exige um esforço pessoal e disponibilidade para o estudo, pois não se pode questionar a política pública sem refinar os instrumentos intelectuais, técnicos e científicos que possibilitem enfrentar a política governamental. “É preciso, sozinha ou junto a outras pessoas, ‘amadurecer’, no sentido de estudar, analisar outras experiências e outras teorias para que se possa enfrentar o problema de forma independente do governo e, assim, não se submeter às exigências do mesmo só por uma questão de ‘comodidade’ tanto intelectual quanto de personalidade”, arrematou a professora.

- Pergunta: Você tem participado de vários eventos internacionais e tem contato com inúmeros pesquisadores da temática da evasão escolar. Desses contatos e experiências, o que se constituiu como referência para a idealização e organização dos eventos Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar e o Workshop Nacional de Educação Profissional e Evasão Escolar?

- Pergunta: Ainda tratando do Colóquio Internacional sobre Educação Profissional e Evasão Escolar e do Workshop Nacional de Educação Profissional e Evasão Escolar, como você avalia o impacto desses eventos na produção e socialização de pesquisas?

- Pergunta: Com relação à Rede Ibero-Americana de Estudos sobre Educação Profissional e Evasão Escolar (Rimepes), como foi idealizada essa estratégia, e qual o objetivo desse coletivo?

A alegria em falar desses eventos estava evidenciada mesmo depois de horas de diálogo. Para tanto, a professora apresentou um pequeno recorrido do que foi a organização do primeiro evento relacionado à evasão escolar, que foi o I Workshop Nacional de Educação Profissional e Evasão Escolar. Recordou que, naquele período, a Rimepes estava muito ativa e articulada com a ABAPEVE para a organização do evento. Explicou que, como o grupo de pesquisadores da Rimepes estava mais ligado ao Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ), e que o CNPQ exigia uma certa produtividade para que esse grupo continuasse ativo, para além dos empasses burocráticos¹² - este grupo está hoje desativado.

Dore comentou, ainda, que, com relação à organização desse primeiro evento, como sua aproximação com o tema da evasão se deu com um grupo de pesquisadores internacionais, a questão que se colocava era: como trazer esses pesquisadores para o Brasil, se naquele momento não havia ninguém ainda preocupado com a questão? Então, o grupo se reuniu e organizou temas para socializar com pesquisadores brasileiros no Workshop, dando oportunidade de trocas de experiências com pessoas interessadas no assunto, principalmente, experiências nacionais.

Atualmente, a questão da pandemia da covid-19, coaduna com a alteração das políticas públicas, que não têm mais favorecido a pesquisa. Dore informou que tem sido difícil trazer para o Brasil, para participarem do evento, pesquisadores especialistas no assunto.

A professora justificou a premissa de manter tais eventos no formato presencial, pelo objetivo mesmo de um colóquio, que é o de proporcionar um diálogo mais próximo, com possibilidades maiores dos “processos de acumulação” de conhecimento, de trocas de experiências com os sujeitos presentes. Contou que “aqueles” primeiros eventos foram um verdadeiro sucesso, com muito aporte financeiro.” Foi uma experiência fantástica! Contudo, atualmente, cada vez mais os recursos financeiros foram diminuindo, ficando assim cada vez mais difícil trazer pessoas representativas para os eventos e que pudessem contribuir para o estudo da evasão no Brasil” - relatou Dore. Os dois eventos são bianuais, organizados com o

¹² Naquele período vários professores não tinham Currículo Lattes no sistema do CNPQ o que impossibilitou o registro dos mesmo no grupo de pesquisa da Rimepes. E os professores estrangeiros também não tinham acesso ao sistema.

objetivo de propiciar a participação e interação com pesquisadores brasileiros e com pesquisadores que possuem projeção internacional.

Considerações finais

Chegamos às considerações finais deste artigo, lembrando do célebre aforismo do romancista francês Romain Rolland, que foi retomado por Antônio Gramsci, com a premissa do “Otimismo da vontade, pessimismo da razão”; ou seja, “O pessimismo da inteligência não deve abalar o otimismo da vontade”. Essa citação, além de fazer alusão ao trabalho de Gramsci, autor de maior referência na trajetória acadêmica da professora e pesquisadora Rosemary Dore, faz pensar nas adversidades vividas, no trabalho profícuo, na inabalável decisão de enfrentar a evasão fora da academia, na generosidade das relações estabelecidas, na humildade com a qual enlaça e transita entre pesquisadores e instituições de renome, no rigor da pesquisadora, na mulher que retribui apaixonadamente o amor do companheiro, na mãe dedicada, e na mulher de sorriso largo, cuja beleza transborda atemporalidade dos que não desistem da boa luta.

Estamos cômnicos de que este artigo só estabelece algumas marcações sobre a trajetória da nossa entrevistada e, conseqüentemente, não pode ter a pretensão de esgotar o contato com a autora e sua obra. Nossa expectativa, para além de agradecer a pesquisadora, que nos possibilita referência no trabalho de enfrentamento à evasão escolar, foi registrar e compartilhar “sinais” desta construção tão singular que engendra uma intelectual (mulher, mãe, brasileira, ativista, e outras tantas descrições que se fizerem necessárias) de seu tempo. Para tanto, este artigo não se constituiu em uma análise teórica sobre o discurso, ou produção acadêmica, ou ainda do contexto histórico da entrevistada. Levando em conta outra perspectiva, esperamos ter contribuído com material histórico que possa vicejar outras produções relacionadas aos estudos da evasão escolar no Brasil.

A narrativa constituída nesta produção não reproduziu a literalidade da entrevista, ou seja, não realizou a transcrição do discurso, mas sim buscou organizar, de forma coerente, as diferenças que se apresentam entre o discurso do sujeito que fala e a estrutura da escrita. Desse modo, ajustes foram realizados para que o conteúdo fosse transmitido sem perda de sentido e contexto. Não obstante, fomos rigorosos em apresentar as ideias e posicionamentos da professora e pesquisadora.

Como pesquisadores e trabalhadores da educação pública, foi uma oportunidade ímpar e gratificante realizar esta entrevista. Esperamos que esses singelos registros possam instigar e contribuir para outros trabalhos.

Referências Bibliográficas

AULAGNIER, P. **O Aprendiz de historiador e o mestre-feiticeiro**: do discurso identifiante ao discurso delirante. São Paulo: Escuta, 1989.

LOUREIRO, Isabel M. **Rosa Luxemburg** - Os Dilemas da Ação Revolucionária, Editora Unesp, Editora Fundação Perseu Abramo e Fundação Roxa Luxemburgo. São Paulo, 2003.

Sandra Lopes Guimarães

Florianópolis, Santa Catarina, Brasil

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/1985). Mestre em Educação (UNICAMP /2012), na Área de Concentração da Psicologia Educacional. Atualmente desenvolve atividades como Técnica em Assuntos Educacionais (Técnico Administrativo em Educação) junta a Diretoria de Desenvolvimento de Ensino, na Pró-Reitoria de Ensino, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC). Tenho experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: problemas de aprendizagem, evasão (permanência e êxito do educando), psicanálise, currículo, didática, formação de formadores e EaD.

E-mail: sandrag@ifsc.edu.br

Link do Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6888336493590769>

Rogério Mesquita Teles

São Luís, Maranhão, Brasil

Professor Titular do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, IFMA, Campus São Luís/Monte Castelo, desde 1996. Doutor em Química Orgânica pela UFPB, Mestre em Química Analítica pela UFMA, Especialista em Educação Ambiental e Gestão Participativa em Recursos Hídricos pelo IFMA (antigo CEFET-MA) e também em Administração Escolar pela UNIVERSO-RJ. Graduação em Química Industrial e Licenciatura em Química pela UFMA. Foi Diretor de Ensino Técnico do Campus São Luís Monte Castelo do IFMA, de janeiro de 2011 a setembro de 2016. Desenvolve e orienta pesquisas nas áreas de Química de Produtos Naturais, Ensino de Química, educação Ambiental e Educação Profissional e Tecnológica. Atualmente, está Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação do IFMA e Diretor Administrativo da ABAPEVE (Associação Brasileira de Prevenção da Evasão Escolar na Educação Básica, Profissional e Superior).

E-mail: rogerioteles@ifma.edu.br

Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/0873017441220537_94

Aprovação:

Artigo/Entrevista publicada como homenagem à professora Rosemary Dore Heijmans sob a supervisão dos Editores deste Dossiê.



Q.Code

Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil

Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França